

NADA TÃO IMPLACÁVEL QUANTO A SOLIDÃO

PEDRO HENRIQUE MAGALHÃES QUEIROZ¹

Nada tão implacável quanto a solidão. Não aquela que escolhemos, a involuntária. Estar sozinho fora do tempo, fora do mundo. Algo morreu, e ninguém pode reavê-lo. As horas mortas se acumulam como catástrofes; corpos mortos à bala se enfileiram como se fosse uma peste, mas é a polícia.

Ninguém veio te ajudar, nem você mesmo quis participar do espetáculo. O corpo corre de um lado a outro tentando ajudar a consciência que não se contém em si mesma – o inconsciente a persegue como se tivesse sido pago para matá-la. Vejo meus tiranos e não os mato, até que o tirano se espelha em mim, e como ainda tenho um lado bom, tento fugir. Em vão.

Estamos no inferno, e isso dura bem mais do que uma temporada. As punições se renovam, a culpa e a dor permanecem, intactas. É preciso muito rigor ao delirar; é preciso muito sangue no olho para rir de si mesmo. Não se levar tão à sério, ou melhor, se levar à sério, sem se importar tanto com a seriedade do mundo.

¹ Graduado em Filosofia/Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: pedrohenrique_ec@hotmail.com.

Iluminar-se, profanamente, numa sexta-feira treze, homenageando todas as bruxas queimadas no dia do seu Juízo Final, com o sol brilhando toda a sua intensidade com gotas de chuva que caíam do céu; ao lado de outros que não pretendiam mais do que fazer a sua cabeça, o fogo queimou e fez a mente se perder, conscientemente, na psicogeografia da memória. Fomos ungidos como pagãos, nos filiamos à natureza e ao agora – um pouco mais perto do coração selvagem.

Iluminar-se, profanamente, e ser tomado pela beleza de cada corpo feminino, ou masculino, ou qualquer corpo que encontre a sua verdade; querer devorar, lentamente, as dobras de um prazer assassino, que como Jack estripa as sensações e nunca será pego, porque, diferente do machista e moralista, veio esquartejar Baco na festa, na orgia universal dos sentidos. Usaria a língua, para sentir teu cheiro; e o nariz, para te devorar; cada dedo percorreria o infinito numa parte, e cada parte me daria o conjunto, um mundo em cada dobra áspera ou sutil. É realmente preciso muita “técnica” para falar e foder. Ainda não aprendi a fazê-lo, ainda não fui iluminado. E esta não é a primeira vez que estou aqui, e estas linhas se perderão.

Iluminar-se, profanamente, como todo proletário que encontra no caminho de casa para o trabalho, dentro de um ônibus, o lugar da utopia, do sonho. O cansaço, a embriaguez e a multidão unem-se como os signos bíblicos e comungam do sentido. Subitamente compreendemos tudo, sem sabermos de nada.

A teoria crítica não passa de um diagnóstico da dominação social. Comporta-se como um doutor que pretende, com o diagnóstico, possibilitar um remédio que, no final das contas, não passa de outro produto da indústria capitalista.

A cura do mal social, do seu tecido estriado, de suas veias entupidas, com parada cardíaca, mania de depressão e euforia, só pode ser encontrada no próprio gastar desse sintoma, dizem alguns. Não sei, realmente não sei.

Estourar o dique para que a inundação renove o mundo, atear fogo apenas para fazê-lo brilhar; não sei, realmente não sei. Se quem melhor faz máquina de guerra, se quem melhor faz terrorismo é o próprio Estado, e nós nem sequer conseguimos mudar os termos com que nos chamamos – nos chamamos com os termos que a ordem criou para si mesma, para o seu próprio mundo infértil e intoxicado –, então fica difícil ir muito longe.

E, no entanto, a solução é tão simples, tão perto das mãos e ao mesmo tempo tão distante.

Palavras encontram no abismo do esquecimento a sua encruzilhada. Serão todas fuziladas, de costas e em fila, no inverno abrupto do terror. Talvez alguma sobreviva e escreva a sua lembrança da casa dos mortos. Talvez não.

Palavras amotinadas entram em rebelião,
querendo sair.

Deixam de termer a morte,
que é o silêncio,
e ateiaram fogo nos colchões
do sono,
e dançam, barbaramente,
em volta da fogueira
dos sonhos.

A quem a ressonância do estrondo
talvez acorde,
talvez reste uma vaga lembrança
do desastre que as fizeram desafiar
o gás, o fogo, a bala
e o medo,
que esteriliza os abraços
e nos ajuda a matar.

Derrotadas, nuas e enfileiradas,
nos deixam de herança a necessidade do caos,
aquele que, como disse um outro,
se alastra alegremente
sem se filiar a catástrofe nenhuma.

Sim, ateamos fogo neste mundo velho. A raiva sabe bem espriar a pólvora para depois incendiá-la.

A destruição é a melhor deusa que há na natureza. Sabe como livrar-se das plantações transgênicas, das usinas nucleares, de todos os parasitas que a usurpam.

O racismo ambiental é cria nossa, não dela. É um modo que o poder sempre encontra de se salvaguardar. Mas tudo encontra a hora de sua consumação.

Estarei lá, no dia do Juízo Final, vendo-os sucumbir. Quando as almas deixarem de esperar o Messias, que prometeu vir e não veio.

Escorre entre os dedos o esporro; os dentes rangem e a boca não quer uivar; o corpo entra em convulsões ao tentar acompanhar o desejo que não se realizou; tenta acompanhar os rastros do gozo insaciável.

A natureza às vezes é perversa com seus filhos; mãe que te impele a mil incestos impossíveis; queria tudo que não me foi dado, mas talvez não queira ser o corpo que saciará a sede de alguém.

Difícil encontrar a comunhão dos sentidos, difícil amar novamente. O amor perdeu-se no ralo dos dias e dos encontros que não tivemos; perdemos nossas melhores horas pensando em como poderia ter sido, e não foi.

Ainda está ressoando no vento o som daqueles tambores. A periferia se levanta, ainda que simbolicamente, contra os cães treinados em matar. Contra o Estado que pisa verticalmente na cabeça de quem ainda está fraco e deitado no chão; contra os empresários e as elites que segregam a faixa de Gaza, que é Fortaleza.

Aqui se mata mais, aqui o genocídio permanece sendo a regra. Nossos inimigos ainda estão soltos, intactos. Doce ilusão querer tomar de volta o que é nosso. Tudo que há na Terra é dos filhos que ela gestou: da ameba ao homo sapiens. Quem primeiro cercou um terreno e chamou de seu fundou o inferno.

O inferno não é o lugar para onde as almas caídas e pecadoras irão, o inferno é este solo segregado aqui. Antes, tínhamos um paraíso selvagem, não o bíblico. Um paraíso de mata densa, de animais selvagens, de cantos enigmáticos, de brilho e intensidade. Homo sapiens da pele vermelha, que não escondia as

vergonhas, não teve escolha: ou se catequiza, ou vira escravo, ou morre. Alguns resolveram resistir. Para entrar aqui no Siará foram três expedições. Resistiu-se até onde foi possível. Continuamos a resistir.

À memória do índio dizimado e do negro escravizado, os sons dos tambores daquela noite foram oferecidos.

Não tenho uma arma neste subsolo, apenas algumas memórias que me torturam e me enchem de alegria. Mas tenho uma vontade de morrer que sempre volta, por mais que tente apagá-la da memória.

Olhar-se no espelho e dizer: o que você quer do mundo? A flor da juventude quase morreu na prisão. Quase. Mas da jaula de ferro que nos prende à nossas próprias limitações, nunca saímos. É impossível fugir de si mesmo.

Lá fora há carros, casas com muros altos, arame e alarme; vivemos numa cidade sitiada, a cada dia nosso medo aumenta, a cada dia perdemos um pouco mais do contato com os outros e com nós mesmos. A aventura é tão pequeno-burguesa frente a esse asilo de concreto, asfalto e alvenaria.

A resistência nunca para, há sempre um modo de manter-se acordado e de pé.

Onde você andava, que eu nunca mais tinha visto? Exercitando a paciência, o silêncio, andando nas sombras, para não perder o costume.

Precisei do inabitado, do lugar onde pessoas circulam constantemente, mas quase nenhuma me conhece, só o suficiente para não enlouquecer sozinho.

Aproveitando cada instante do dia, cada visão do paraíso que a natureza aflora em suas dobras, na sua conjugação de cantos, luminosidade e silêncio. Agora entendo porque culto e cultivo tem a mesma origem.

A vida é intensidade: cinquenta anos em cinco; cinco minutos na vida. O primeiro se antecipa; como o coelho da Alice, está sempre atrasado. O segundo não se conta. Cinco minutos são incomensuráveis; o instante não é regido pela lei da equivalência, espero que jamais o seja. Só a intensidade pode salvar; a doença tem de inquilina uma saúde invejável.

Sim, os cães históricos são o pós-humanismo, um animalismo autenticamente histórico. Mas um cão apenas não basta, é preciso uma matilha; uma matilha não basta - a Hydra ganha nova cabeça sempre que cortada, não é como a Medusa.

Na verdade - ah, hoje sei exaltar a infinitude concreta da verdade, sobretudo o seu lado construtivo-demolidor -, eu também tenho uma teoria:

Filosofia

Desmitificação do pensamento, desmitopoetização do saber. O saber narrado com base na tradição, dos aedos aos sábios, entra em declínio com a experiência da retórica na ágora da pólis.

É um longo caminho até chegar onde quero, então é preciso dar um salto de tigre para mais próximo.

Hegel como pensador que estabelece uma síntese entre o devir heraclidiano e o ser parmenídico no "nous" de Anaxágoras, ou em seu espírito (Geist). Até concluir Hegel também é um longo caminho.

O divisor de águas disso tudo parece ser Feuerbach na relação eu-tu, que Marx traduz, ou se apropria, como relação social. Em Hegel isto aparece na anterioridade dialética da relação frente às partes, nisso consiste o espírito não como intersubjetividade, mas como unidade contraditória e dinâmica de ser e pensar, de lógica e ontologia.

Onde fica a ciência nisso tudo? A filosofia como ciência rigorosa em Hegel e Husserl.

Para um professor daqui, de Platão a Hegel a identidade entre ser e pensamento dá a tônica da tradição. Mas não existe nada que não tenha o seu sem-expressão: Górgias, alguns helenistas, talvez Pascal.

Em Feuerbach, o que está em questão é a quebra da identidade de ser, pensamento e linguagem, e mais do que isso a compreensão da relação eu-tu como afetiva – um pouco de Górgias, um pouco de Pascal.

A crítica de Marx vai de encontro a essa compreensão afetiva, portanto, passiva do mundo, em prol de uma concepção ativa, a práxis. Para Marx, não se trata de reverter a inversão do inteligível como superior ao sensível no âmbito da consciência, mas de reverter o próprio mundo da vida social em que abstrações operam a realidade concreta, sensível, prática. A negação da negação aparece para ele como essa reversão, portanto, dá-se na negatividade.

Tem mais não.

Sim, a beleza da verdade e a verdade da beleza é o corpo na intensificação de seu envoltório – ah, o sex appeal do inorgânico! Sei disto quando amo as costas daquela garota com o seu vestido preto; jamais sentiria o mesmo com seu corpo nú. Se Sade não fosse um perverso, estaria certo ao dizer que as delícias do prazer são o único modo de alcançarmos a felicidade; é preciso entregar-se aos desígnios da natureza, contra a moral. Nietzsche também estaria certo se não fosse tão Nietzsche: é preciso negar a negação da vida, é preciso afirmar nossas potências. A filosofia pode ser, sim, um modo superior de dar o cú. Ainda nos falta muito “progresso” para aprendermos a viver como um cão. Uivar na noite sombria, queimar-se ao amanhecer, sendo vampiro, e fazer da própria cinza,

adubo, para que possa nascer uma flor selvagem, bela e espinhenta, perfumada e venenosa; essa rosa que é vegetal de sangue, esse sangue que escorreu com as lágrimas da lembrança dos que tombaram. É preciso viver como um cão, mas saber que é impossível esquecer, que é impossível escapar da história, como é impossível escapar do real. Não estamos mais entre o outono e o inverno do tempo histórico, ainda que a treva jamais tenha sido tão implacável, é chegado o momento da aurora tomar de assalto o céu – é hora de testar as palavras do profeta da chuva – é preciso deixar a terra arada para o dia do dilúvio, é preciso escoar toda a água do dilúvio para que a plantação não se perca, é preciso correr como uma criança corre em meio às calçadas em um dia de chuva. Estamos vivos, e não precisamos mais do que isso.

Guardei as palavras doces

que não disse.

O incêndio que me habitava o peito

queimou impunemente.

Mas foi preciso matar meus próprios fantasmas

para me encontrar.

E isso basta.

Durante as mil e uma noites em que estive à espera, à espreita de uma chance remota de vingar-se, ninguém via ou ouvia o seu gemido.

Ninguém nunca ouve o gemido de quem tem raiva e não pode

vingar-se. Sentir-se frágil, um corpo apenas, mero amontoado de carne, ossos e uma desesperança crônica no futuro. Se não há futuro para os de baixo, que não haja paz para os de cima. Mas é sempre tão difícil fazer valer essa máxima.

Máximo respeito a quem não teve a oportunidade de deixar os seus rastros, o registro do seu protesto, da sua raiva. Máximo respeito a quem fez das próprias entranhas o coração de um novo mundo a pulsar.

Máximo respeito aos povos originários, aos quilombos e quilombolas; máximo respeito aos animais silvestres; máximo respeito à barata que há de presenciar o dia após o fim; máximo respeito aos operários selvagens, aos camponeses intoxicados, aos pretos encarcerados; máximo respeito aos mídia livristas, aos anarquistas e suas okupas, aos literatos que fizeram da palavra, pólvora.

Como ouvi uma vez, não estamos tristes, estamos de greve. Perdido neste maldito planeta, nesta maldita galáxia, dançamos nesta noite a dança que havemos de dançar sobre as ruínas do progresso. Somos o resto que redime, a sobra que falta.

Já fui vietnamita, já fui do quilombo de Palmares; comi na mesma mesa que Conselheiro; quase traí Cristo, por não querer pegar em armas; fui viciado em cocaína e andei armado na Colômbia de Escobar; trafiquei rins, fumo e fé; nunca deixei que me tirassem do front. No entanto, há gerações estamos perdendo.

Eu estava lá quando a barragem cedeu; também estava quando o sertão virou mar, morto. Meu corpo se avolumou, cresceram tumores e me faltaram dedos, quando a usina arrebentou; fui a ovelha Dolly, e uma criança do Panamá. Tenho cicatrizes que não me deixam esquecer.

A paixão pelo extremo, pela concretude transbordante, pela transitoriedade, pelo agora, pelo encontro, pela assembleia selvagem. Uma chama que há de consumir o coração que ainda pulsa.